

AMOR, EROTISMO E MORTE

*Maria Imaculada CAVALCANTE**

1 - Amor e morte

O Romantismo foi um movimento tão amplo que desencadeou um processo de transformação não só na arte, mas em todos os segmentos da sociedade. Porém, essa consciência de mudanças foi sinalizada pela insegurança que surgiu à medida que as normas estabelecidas iam sendo rompidas, abrindo uma gama de possibilidades para a idéia de ruptura na modernidade. Na tentativa de reordenar o mundo, o homem descobriu a sua capacidade de criar um universo fora da realidade, usando da imaginação e da fantasia. Assim, ele mergulhou dentro de si mesmo em busca de novas formas de criação. Nesse momento, a arte se apresentou como o registro de suas experiências interiores, principalmente a experiência amorosa.

Em nenhum outro período da literatura o amor esteve tão presente nas obras literárias como no Romantismo. O sentimento amoroso passou a ser o fator essencial da vida. Só ele foi capaz de traduzir a autêntica interioridade do homem do século XIX. Na concepção de Octávio Paz (1994, p.94), a literatura tem como função preponderante a representação das paixões e o amor tem sido o tema central do homem do ocidente. A história da literatura tem sido a história das metamorfoses do amor. Desde sempre houve essa sensibilidade para o amor: a paixão sobrepondo a razão, a insatisfação com a vida, o prazer no sofrimento, o arrebatamento da imaginação e o desejo de morte. Tudo isso existiu e sempre existirá, mas o

* Docente do Curso de Letras do Campus de Catalão-UFG.

romântico foi capaz de exprimir todos esses sentimentos e incorporá-los ao seu cotidiano. Não foi só uma forma de arte, foi, também, uma expressão da vida.

A partir do Romantismo, podemos dizer que a consciência da solidão gera um profundo pessimismo, uma melancolia e uma angústia no homem moderno. Para Friedrich (1991, 9.30), a angústia é um elemento obrigatório na poesia dos jovens, funciona como a expressão máxima da dor do homem em contato com o mundo, com os outros homens e consigo mesmo. *A alegria e a serenidade desapareceram da literatura. A melancolia e a dor cósmica ocuparam o seu lugar.* Para o teórico o conceito do *Nada* torna-se de grande importância no Romantismo, transformando a melancolia em angústia. O estranhamento, a ruptura e o distanciamento vão se acentuando e se consolidando na lírica moderna.

A representação do pessimismo alia-se a uma visão niilista do ser e um desprezo total pela existência. Tudo se afigura como ilusão e o sonho aparece carregado de sofrimento e de dor. Nessa perspectiva podemos inserir a obra do poeta romântico Álvares de Azevedo. No poema *Esperança*, de *Lira dos vinte anos*, pode-se confirmar esse sentimento de desencanto:

Se a ilusão de minh'alma foi mentida,
E, leviana, da árvore da vida
As flores desbotei;
Se por sonhos do amor de uma donzela
Imolei meu porvir, e o ser ela
Em prantos esgotei;
(LVA, p.173)

Dentro dessa visão só há dois caminhos a seguir: ou se morre ou se vive à margem da própria existência, só havendo lugar para o sonho e para a evasão. *Recusa da realidade social presente, experiência de perda, nostalgia*

melancólica e busca do que está perdido: tais são os principais componentes da visão romântica (LÖWY e SAYRE, 1995, p.44).

Em busca da total liberdade de criação, o artista transformou-se em um transgressor, rebelando-se contra as normas estabelecidas, à procura da felicidade. O romântico reivindicou para si, e para cada um dos homens, o direito à liberdade e à felicidade, contudo, essa liberdade cobrou o seu preço, acarretando responsabilidade por tudo o que fazia. O que redundou em um sentimento de ansiedade, insegurança e angústia, pois ele se tornou o único responsável por seu destino e por suas escolhas, criando, assim, um conflito entre o *eu* e o mundo; sobretudo, porque ele tinha a consciência clara de não ter encontrado a felicidade tão almejada:

Para os românticos, então, nada estava isento de conflito e em qualquer uma de suas manifestações se refletia a problemática de sua situação histórica e de sua íntima inércia sentimental. A vida moral da humanidade é toda ela uma fileira de contrastes e de lutas; e quanto mais diferenciada é uma sociedade, mais freqüentes e ásperos são os choques entre o eu e o mundo, o instinto e a razão, o passado e o presente. Nesse sentido, vida e pensamento, natureza e cultura, história e eternidade, solidão e sociedade, revolução e tradição não aparecem nem como correlatos lógicos nem como alternativas morais, entre as que se deve eleger, mas como duas possibilidades que se pretendem realizar de uma vez: daí a sensação de trágica impossibilidade que aparece por vezes no indivíduo romântico (AGUIAR, 1998, p. 16).

Por isso o caráter introspectivo da alma romântica. A sua incapacidade em adaptar-se proporcionou a necessidade de evasão, lançando o ser no mundo apaixonado da arte, direcionando toda a sua potencialidade ao ato de criação, como forma de auto-compreensão e auto-satisfação. A

evasão funcionou como elemento facilitador para se alcançar os ideais almejados, salvando o homem da rotina do cotidiano, abstraindo-o da realidade e dando-lhe condições de viver de sonho.

A poesia tornou-se, então, o único meio para a compreensão da realidade do ser no mundo, cabendo ao poeta decifrar essa realidade e revela-se por meio da palavra. Álvares de Azevedo é um dos poetas românticos que melhor expressa esse sentimento de evasão da realidade. A sua produção literária é a mais alta expressão de sua individualidade. O poeta deixa patente o seu pessimismo. O enfado, a fadiga e a sua imaginação exacerbada encarnam o espírito romântico: irreverente e insatisfeito com o próprio destino. Essa crise de valores é provocada pela necessidade de encontrar a satisfação interior que, para ele, resume-se em amar. Por isso ele assim expressa em *Idéias Íntimas*:

Oh! ter vinte anos sem gozar de leve
A ventura de uma alma de donzela!
E sem na vida ter sentido nunca
Na suave atração de um róseo corpo
Meus olhos turvos se fechar de gozo!
Oh! Nos meus sonhos, pelas noites minhas
Passam tantas visões sobre meu peito!
Palor de febre meu semblante cobre,
Bate meu coração com tanto fogo!
(LVA, p.207)

Eis aí pois tudo – amor, poesia, fazendo da vida arte, transformando o sentimento do homem no sentimento do poeta. Vida e poesia se misturando nessa alma adolescente que clama por um amor. Azevedo foi um jovem que acreditou no poder do amor e da poesia: o amor sonhado, e a poesia, vivida em sua realidade cotidiana.

O seu caráter melancólico e arredo é comprovado por seus biógrafos e pelos escritos deixados. Vivendo em um

mundo solitário, sentiu verdadeiro desejo de amor e morte. A morte como fuga de um mundo conturbado, o amor como a possibilidade de vida. Para Azevedo, a idéia de morte resulta do desencanto amoroso. A desilusão caracterizada pela falta de amor é deveras angustiante, vai ao encontro de uma existência marcada pela inutilidade, pois tudo leva ao absurdo e à destruição.

Um dos mais significativos paradoxos do Romantismo é o tema do amor e da morte. O amor é o domínio do desejo e da imaginação, transitando entre o prazer e a dor, a angústia e a alegria, a ansiedade e a melancolia, a vida e a morte, o poema *Amor* expressa bem esse paradoxo:

Vem, anjo, minha donzela,
Minh'alma, meu coração!
Que noite, que noite bela!
Como é doce a viração!
E entre os suspiros do vento
Da noite ao mole frescor,
Quero viver um momento,
Morrer contigo de amor!
(LVA, p.249).

Etmologicamente a palavra 'erótico' provém de *erotikós*, relativo ao amor, derivado de Eros, o deus grego do amor. É também o princípio da vida e do desejo, ligado a Tanatos, símbolo da morte e da destruição. Amor e morte estão relacionados à criação e destruição, intimamente ligados a toda experiência humana. Morte e gozo fazem parte da trama que tece o amor humano. Eros e Tanatos, as duas faces da mesma moeda, pois a morte está sempre à sombra do amor. O lado trágico da vida enobrece a experiência amorosa.

O sentido trágico é a expressão de uma dimensão de consciência que empresta riqueza, valor e dignidade à vida humana. Assim, não só torna possível as mais humanas emoções [...] como sem ela o amor se torna adocicado e insípido e o Eros reduz-se à criança que jamais cresceu (MAY,1973, p.123).

Segundo Pierre Brunel (1998, p.317), o poder de Eros é tamanho que seria capaz de destruir a si próprio. Esse é o lado cruel e trágico do amor: possui o poder de destruir aquele que ama e o ser amado. Por ser o amor a marca de sofrimento, anseia a união de seres opostos e aspira à beleza total. Amar e sofrer, eis a dupla fatalidade romântica. A qualidade do amor romântico passa pela questão do sagrado e do profano e a representação da pureza e da beleza pela oposição à sensualidade. Nesse jogo de dualidade, o erotismo se manifesta, de um lado, pelo seu caráter de adoração e sublimação do objeto amado e, de outro, pelo simples prazer sexual, pela satisfação dos mais íntimos desejos carnavais.

Depois do reino de Eros temos o reino de Tanatos, o deus que personifica a morte, mas não é o agente da mesma. Segundo Junito de Souza Brandão (1994), o sentido de morrer, no mito grego de Tanatos, significa ocultar-se, ser como sombra, *um corpo insubstancial*. Nesse sentido, o amor, em Azevedo, se insere no mundo de Tanatos, pois ele nada mais é que uma sombra, um fantasma que martiriza o ser que ama, afinal ele nunca é presença física, mas sonho e fantasia. Na existência do homem, vida e morte coexistem, mas

Tanatos pode ser a condição de ultrapassagem de um nível para um outro nível superior. Libertadora dos sofrimentos e preocupações, a Morte não é um fim em si; ela pode abrir as portas para o reino do espírito, para a vida verdadeira: **mors ianua uitae**, a morte é a porta da vida (BRANDÃO, 1994, 227, grifo do autor).

Em se tratando de amor romântico, a morte é a possibilidade do amor, é a busca do indefinível experimentado por corações solitários.

Para Robert Johnson (1987, p.79):

no amor romântico, queremos ser possuídos pelo amor, queremos pairar nas alturas e encontrar o máximo de significado e de realização na pessoa que amamos. O que buscamos é a sensação de plenitude.

Quando o romântico não alcança a plenitude, angustia-se, desespera-se e busca a morte como solução. O amor romântico é perverso e absurdo, apresentado em um plano de absoluta fantasia, não se concretiza nunca e, se por ventura ele se realiza, a frustração e o desespero são maiores que qualquer sentimento. A satisfação do amor enquanto realização do desejo carnal e erótico leva à angústia, antes viver na solidão que macular o sonho.

Para Bataille (1987, p.223) “o amor não é ou é em nós, como a morte, um movimento de perda rápida, resvalando depressa para a tragédia, não se detendo senão na morte.” Amor e morte são os sentimentos da impossibilidade de ser. Para Álvares de Azevedo, viver é sinônimo de amar. Pelo amor se vive, angustia-se e se morre. O sentimento de alegria do amor carrega consigo um sentimento de tristeza e morte, como em *Macário*:

Macário

Oh! O amor! E por que não se morre de amor! Como uma estrela que se apaga pouco a pouco entre perfumes e nuvens cor-de-rosa, por que a vida não desmaia e morre num beijo de mulher? Seria tão doce inaniir e morrer sobre o seio da amante enlanguescida! No respirar indolente de seu colo confundir um último suspiro! (M, p.542).

O sentimento de absoluto, de euforia e paixão leva ao sentimento de morte. Como diz Bataille (1987, p.20): “se a união de dois amantes é o efeito da paixão, ela invoca a morte, o desejo de matar ou o suicídio. O que caracteriza a paixão é um halo de morte.” Esse *halo de morte* desemboca em um trágico conflito existencial. O sonho levado ao extremo provoca a apatia, o desespero, a loucura e o suicídio. Desencantado e cansado de viver na impossibilidade do amor ideal, o romântico buscará a única solução viável para seus problemas existenciais – o suicídio. O suicídio é o caminho para interromper o sofrimento, a angústia, a solidão, o pessimismo e o desamor. Cheio de sonho e fantasia, o poeta carrega consigo o desejo de plenitude que só será alcançado no amor ou, tragicamente, na morte.

Um dos caminhos do amor em direção à morte é o amor não correspondido. Amar e não ser amado pode levar ao suicídio, segundo Gilles Deleuze (1987, p.19):

o amante deseja que o amado lhe dedique todas as suas preferências, seus gestos e suas carícias. Mas, os gestos do amado, no mesmo instante em que se dirige a nós e nos são dedicados, exprime ainda o mundo desconhecido que nos exclui.

Essa exclusão é a dor que leva à morte. A incapacidade que o amado encontra ao tentar decifrar o mundo interior do amante gera sofrimento e uma necessidade de ferir o outro, incutir nele o sentimento de culpa, por isso a procura da morte. Não existe vida sem amor e não existe amor sem sofrimento. Em *O Conde Lopo Álvares de Azevedo* amaldiçoa a existência e esbanja apelos à morte:

Sonhou – amou – cantou: em loucos versos
Evaporou a vida absorta em sonhos –

E debalde! Ninguém chorou-lhe os prantos
Que sobre as mortas ilusões já findas
Pálido derramara –

Amou! E um peito
Junto ao seu não ouviu bater consoante
C’os amores do seu! Ninguém amou-o
E nem as mágoas lhe afogou num beijo! –

E morreu sem amor – Bateu-lhe embalde
O pobre coração em loucas ânsias.
Passou ignoto, solitário e triste
Entre os anjos do amor, só viu-lhes risos
Em braços doutros – e invejosa mágoa
Essa alheia ventura só lhe trouxe.
Nunca a mão dele de uma fronte branca
A alva coroa fez cair da virgem –
Jovem, solteiro, sem consórcio d’alma
Entre as rosas da vida – mas nenhuma
Nem deu-lhe um riso – nem do moço pálido
No imo d’alma guardou uma saudade!
(C, p.384)

Os versos traduzem o sofrimento que o eu-lírico sentia em seu íntimo. Um desalento, que o consumia pelo desejo de amor. O homem sonha com plenitude e sabe-se incompleto. Revolta, angústia, desilusão e desespero, eis aí o poeta romântico, sofredor do mal-do-século. O amor expresso no poema é cheio de expectativas e crenças, com atitudes peculiares e contraditórias. Implica em paixão, como se esta fosse a verdadeira forma de amar. A paixão levando ao êxtase provoca uma sensação de solidão e angústia que resulta na idéia de morte. A dor e o prazer combinam-se numa única impressão, a dor concebida como parte do prazer de se estar apaixonado.

As exigências do amor romântico para com o ser amado são enormes - exige servidão. Espera-se que o ser amado represente todas as nossas fantasias e todos os nossos

sonhos idealizados, escapando do domínio da razão, inserido no domínio da paixão. A incapacidade do homem romântico em aceitar a humanidade do ser amado provoca um sentimento de melancolia e dor ao se constatar que entre o *eu* e o outro existe um abismo profundo, impossível de ser transposto em vida, só a morte poderá suprimi-lo, daí o fascínio pela morte.

A maior de todas as evasões românticas está no sentimento de amor e de morte. O homem romântico sentiu, como nenhum outro, o desejo de amor e um prazer mórbido na morte. Paradoxalmente a morte atua como solução para as angústias do amor. Em Álvares de Azevedo, o amor e a morte são sentimentos vistos como forma de vida, já que a vida se resume em um eterno sofrer. Octavio Paz (1994) afirma que os românticos nos ensinaram a viver, a morrer, a sonhar e, sobretudo, a amar. No seu entender, os românticos não nos ensinaram a pensar, mas a sentir. O amor não comporta a razão, mas o irracional, a fantasia e o sonho. Para o homem ocidental, o amor romântico é a única forma de amor verdadeiro. Apesar das transformações da sociedade, muito de nossa concepção de amor ainda traz a marca dos românticos, principalmente, a liberdade de escolha, o ideal do amor livre e sem barreiras.

O amor, por seu caráter de liberdade, a partir do Romantismo, assume um aspecto subversivo, rompendo com as antigas proibições da igreja e da burguesia, suplantando a idéia de união do casal unicamente para a preservação da espécie. O sexo visto pelo Cristianismo apenas como procriação, perde seu valor e se transforma em erotismo, um sentimento livre de qualquer obrigação de reprodução, que busca o prazer e a realização da fantasia. Ligado ao erotismo, o amor torna-se um ideal de vida, uma nova forma de se pensar o mundo e de organizar a sociedade. Eterno contestador, transitando entre o sonho do amor idealizado e o amor carnal, Azevedo desnuda-se diante do amor erótico.

No íntimo o que ele deseja é sonhar com donzelas castas e adormecidas, como nos contos de fada; não conseguindo o objeto de sua idealização, perde-se no reino de Eros.

2 - Amor e erotismo

As fronteiras entre o amor e o erotismo são tênues, visto que não há amor sem erotismo. O amor se consagra pela atração entre dois seres. O erotismo é uma força que nos atrai, é desejo latente, é paixão, é ânsia louca de corpos se dando, na embriaguez do prazer e o desespero da busca de realizações. O amor romântico se divide entre o amor cortês, enquanto entrega total, sacrifício e ingenuidade e o amor erótico enquanto sensualidade, exaltação e voluptuosidade. No amor cortês vive-se de recordações e esperanças, nunca de realidades. Concretizar o sonho do amor cortês é rebaixá-lo ao amor erótico, porque o amor erótico é transgressão, é uma outra forma de manifestação, sempre acompanhada de pessimismo, melancolia e tédio.

O amor romântico deixa-se envolver pelas exigências do corpo, carregado de sensualidade e erotismo. Quando o ser se entrega cegamente ao fogo da paixão sexual, deixa transparecer a sua animalidade, ultrapassa o espiritual e o corpo vibra de paixão e sensualidade. A satisfação dos desejos do corpo também leva à angústia. O amor carnal é transgressão que adquiriu, com o advento do Cristianismo, um caráter pecaminoso que se acentua na medida em que os tipos de relações se afastam dos padrões considerados social e religiosamente aceitos. É uma outra forma de manifestação marcada pela angústia e insatisfação de se viver em um mundo paradoxal, onde os desejos carnis, naturais à vida humana, tornam-se uma violência, como aponta *Macário*:

Macário

Se chamas o amor a troca de duas temperaturas, o aperto de dois sexos, a convulsão de dois peitos que arquejam, o beijo de duas bocas que tremem, de duas vidas que se fundem... tenho amado muito e sempre! Se chamas o amor o sentimento casto e puro que faz clamar o pensativo, que faz chorar o amante na relva onde passou a beleza, que advinha o perfume dela na brisa, que pergunta às aves, à manhã, à noite, às harmonias da música, que melodia é mais doce que sua voz, e ao seu coração, que formosura há mais divina que a dela – eu nunca amei. Ainda não achei uma mulher assim. Entre um charuto e uma chávena de café lembro-me às vezes de alguma forma divina, morena, branca, loira, de cabelos castanhos ou negros. Tenho-as visto que fazem empalidecer – e meu peito parece sufocar... meus lábios se gelam, minha mão se esfria... Parece-me então que aquela mulher que me faz estremecer assim soltasse sua roupa de veludo e me deixasse pôr os lábios sobre seu seio um momento, eu morreria num desmaio de prazer! Mas depois desta vem outra – mais outra – e o amor se desfaz numa saudade que se desfaz no esquecimento. Como eu te disse, nunca amei.
(M, p.518/519).

O amor, para Macário, apresenta-se dual, oscilando entre o sonho do amor cortês e os desejos eróticos do amor carnal. A mulher digna de amor deveria ser virgem de corpo e pura de sentimento, as outras, apenas objeto do desejo. Da mulher pura, verdadeiramente amada, nunca se esperava paixão violenta, por isso o ideal da jovem adormecida, por não oferecer perigo à tentação da carne. A mulher era vista como uma donzela inatingível ou como uma prostituta, parceira da noite e irmã da orgia. No caso de Macário, o que ele quer é infringir a regra instituída, deixar claro o seu tédio e sua rebeldia contra o estabelecido, o que o leva à angústia e ao desespero. Segundo Bataille (1987, p.88):

o erotismo é, de forma geral, infração à regra dos interditos: é uma atividade humana. Mas ainda que ele comece onde termina o animal, a animalidade não deixa de ser o seu fundamento. Desse fundamento a humanidade se desvia com horror, mas ao mesmo tempo o conserva. A animalidade é mesmo tão bem conservada no erotismo que o termo animalidade ou bestialidade não deixa de lhe estar ligado.

É nos prazeres da carne que esse amor se manifesta, pois o erotismo, ainda que marginalizado, é a essência do ser humano. Fugindo do artificialismo do amor cortês, ideal e casto, Macário vai buscar no erotismo uma forma de se rebelar. No dizer de Octavio Paz (1984, p.54), só a partir do Pré-Romantismo que o corpo começa a falar e a linguagem que fala:

é a linguagem dos sonhos, dos símbolos e das metáforas, numa estranha aliança do sagrado com o profano e do sublime com o obscuro. Essa linguagem é a da poesia, não a da razão.

Octavio Paz, ao falar do erotismo, estabelece relação com a analogia, no que se refere à correspondência entre os seres. Para ele a crença na analogia universal se cobre de erotismo enquanto união e separação de corpos, numa constante entre atração e repulsa.

Um erotismo astrológico e um erotismo alquímico; igualmente um erotismo subversivo: a atração erótica rompe as leis sociais e une os corpos sem distinção de classes e hierarquias (PAZ, 1984, p. 94).

O erotismo astrológico se funda na “harmonia cósmica”, oposta a privilégios e à autoridade; já no erotismo

alquímico, há uma união dos contrários, o masculino e o feminino e sua transformação em outro corpo.

Entre o amor e a morte, o erotismo se faz presente. Para Bataille (1987, p.19), embora o erotismo seja inicialmente uma “exuberância da vida” ele não é de todo estranho à morte, pois a busca do ser amado resulta, quase sempre, na idéia de morte:

A posse do ser amado não significa a morte; ao contrário, a sua busca implica a morte. Se o amante não pode possuir o ser amado, algumas vezes pensa em matá-lo: muitas vezes ele preferiria matar a perdê-lo. Ele deseja em outros casos a sua própria morte.

A paixão amorosa é um sentimento tão profundo que só pode ser caracterizado pelo sofrimento, pois é a procura do impossível.

Na lírica de Azevedo, o amor já nasce marcado pela impossibilidade de realização. Antonio Candido (1985, p.11) afirma que a poesia de Azevedo

é uma das manifestações mais vivas do sexo solitário, tomando a expressão em sentido amplo, que vai do devaneio estimulado pelo desejo insatisfeito até a procura de satisfação isolada, que o poeta simboliza freqüentemente pela posse em sonho.

Em sonho, o amante se vê a salvo dos desejos eróticos e na morte o amor é elevado à categoria do sublime. Tanto no sonho como na morte, o desejo erótico é transposto para o nível das sensações espirituais, os amantes redimem-se da culpa do desejo da carne. Em *Anima Mea* o poeta só tem um desejo: dormir no colo da amada e sonhar:

Vem, Ilná: dá-me um beijo – adormeçamos.
A cantilena do sabiá sombrio
Encanta as ilusões, afaga o sono...

Ó minha pensativa – descuidosa,
Eu sinto a vida bela em teu regaço,
Sinto-a bela nas horas do silêncio
Quando em teu colo me reclino e durmo,
E ainda os sonhos meus vivem contigo!
(LVA, p.156)

Em Azevedo, a amada é quase morta por estar, quase sempre, adormecida, resolvendo, assim, a não realização amorosa. Não podendo corresponder às súplicas e anseios do poeta, a amada adormecida provoca no amante um sentimento de solidão, tristeza e dor e, ao mesmo tempo, um sentimento exultante de alegria e prazer. Estando a amada dormindo, a realização erótica converte-se em um ato solitário, o que resulta em amarga frustração, por isso o amor se torna sinônimo de sofrimento e de total impossibilidade.

O desejo de amor carnal, na obra de Álvares de Azevedo, manifesta-se por paixões desenfreadas, cheias de erotismo, malícia e sensualidade. A grande parte de seus poemas são mais eróticos que amorosos. Amor e erotismo se confundem na embriaguez do amor, como se pode ver no prefácio de *O Conde Lopo*:

O que há aí de mais poético do que uma mulher bela, com os cabelos soltos entrelaçados de flores e pérolas, e dentre as roupas meio abertas o colo de chamalote branco a lhe ondear com reflexos de cetim, com os lábios rosados entreabertos num sorriso, mostrando como grãos de uma romã verde os dentes tão alvos, tão prateados que melhor os disséreis pérolas?

E ante um desses olhares de úmido fulgor, de uma pupila lânguida de eflúvios de gozo, ante um desses volveres de enfeitiçado condão de uns olhos negros cheios de amor, prometendo amor, quem há aí que não sinta a alma no peito estremecida, anelante, desmaiando de anseios, sequiosa de orvalhos de beijos, e a correr-lhe nas veias o

sangue com ardor mais suave, os olhos enfraquecidos de uma nuvem de prazer, sem cor, sem vida, embriagados de enleio, - e os lábios imóveis, entreabertos, sem hálito, - quem há que não a sinta a sua alma exânime, esvaecida, quase morta num suspiro, nessa morte, na expressão de Bocage – “de uns brancos olhos desmaiados, morte, morte de amor, melhor que a vida”?
E há na terra sensação de belo mais forte, mais cheia de poesia que esta?(CL, p.380).

As fantasias eróticas do poeta desnuda a amada, transformando beleza física em poesia, fazendo *a morte de amor, melhor que a vida*. A mulher amada é um ser desejável, temível e enigmática. O poeta sonha com uma alma casta e um corpo voluptuoso, como a jovem de *AT*:

Amoroso palor meu rosto inunda,
Mórbida languidez me banha os olhos,
Ardem sem sono as pálpebras doloridas,
Convulsivo tremor meu corpo vibra:
Quanto soffro por ti! Nas longas noites
Adoeço de amor e de desejos
E nos meus sonhos desmaiando passa
A imagem voluptuosa da ventura...
Eu sinto-a de paixão encher a brisa,
Embalsamar a noite e o céu sem nuvens,
E ela mesma suave descorando
Os alvacentos véus soltar do colo,
Cheirosas flores desparzir sorrindo
Da mágica cintura.
Sinto na fronte pétalas de flores,
Sinto-as nos lábios e de amor suspiro.
Mas flores e perfumes embriagam,
E no fogo da febre, e em meu delírio
Embebem na minh'alma enamorada
Delicioso veneno.
(LVA, p.146)

O sentimento amoroso se apresenta em suas diversas manifestações: desejo, gozo, felicidade, decepção, desengano, angústia e dor. Pois “amar é abrir-se tanto ao negativo como ao positivo – à dor, à tristeza, à decepção, assim como à alegria, à realização, e a uma intensidade de percepção que ignorávamos existisse” (MAY, 1973 p.111). O desejo por um amor casto e a paixão erótica foi uma constante na obra de Álvares de Azevedo.

O poeta descreve a jovem carregando nas cores do erotismo. A donzela é um ente inebriante que enche o poeta de gozo. A beleza da amada exerce sobre o *eu* poético tamanha fascinação que ele sente-se atraído. No entanto, o poeta não leva ao extremo seu sonho erótico. Um sentimento castrador arrefece o seu desejo, respeitando a donzela, apesar de desejá-la tanto. Para Paz, (1994) o erotismo é um sentimento carregado de ambigüidade, podendo ser feito de repressão e permissão, sublimação e perversão. A imaginação do poeta leva-o a desejar a mulher, mas o ideal romântico termina por reprimi-lo, não permitido que ultrapasse o limite demarcado pelo sonho. Por isso sublima a mulher, transformando-a em objeto de contemplação, em símbolo erótico. O erotismo transforma os impulsos sexuais do homem em representação, o amor se torna cerimônia, e purificação “que transforma o sujeito e o objeto do encontro erótico em pessoas únicas. O amor é a metáfora final da sexualidade. Sua pedra de fundação é a liberdade: o mistério da pessoa” (PAZ, 1994, p.97).

Paz aponta alguns elementos constitutivos do amor, um deles é a exclusividade. A exclusividade exige reciprocidade e vontade entre os amantes, transformando o desejo de posse em entrega. Outro elemento é a transgressão, um dado polêmico por se constituir em combate. Rompe com regras e proibições, violando os códigos e costumes. Esses elementos trazem conseqüências trágicas para os

amantes. Há momentos em que o erotismo é levado à loucura, momentos em que a transgressão passa à lei absoluta, tornando a mulher um objeto sexual, pertencendo ao domínio do erotismo, da violência e da violação. Momento em que prazer e morte se atrelam, provocando fascinação diante da imagem que se apresenta, e causando o desejo de morte, como em *Fantasia*:

Eu sonhava que sentia
Tua voz que estremecia
os meus beijos se afogar!
Que teu seio palpitava,
E eu te via a desmaiar!

Que eu te beijava tremendo,
Que teu rosto enfebrecendo
Desmaiava a palidez!
Tanto amor tua alma enchia
E tanto fogo morria
Dos teus olhos na languidez!

[...].

Caía chuva de flores
E luminosos vapores
Davam azulada luz...
E eu acordei... que delírio!
Eu sonho findo o martírio
E acordo pregado à cruz!
(LVA, p.249 – 251)

As fantasias de amor só se realizam em sonho, mantendo o amado longe do humano desejo. A imaginação compensa a ausência do ser amado, fazendo com que o amor continue existindo e a paixão aumente cada vez mais. Apesar de ser um *sonho cruel*, o eu-lírico sente-se venturoso e compensado. Embora o erotismo tenha se manifestado

apenas em sonho, não perde o sentido do divino. Intocável, “O ser amado é como a qualidade do sensível, vale pelo que envolve” (DELEUZE, 1987, p.118). A sensualidade flui livremente, dando vazão à imaginação. As fantasias vão além do desejado, não podendo controlar o sonho de amor, ultrapassa o espiritual e o corpo vibra de paixão. Quando acorda do delírio, tamanha é a culpa que prefere morrer para redimir-se do desejo de transgressão contra o ideal amoroso.

O amor romântico pertence ao domínio do desejo e da imaginação, tornando o amor um sentimento difícil de ser alcançado, transportando o ser para um mundo de gozo e destruição. Segundo May (1973, p.113), “o amor é uma mútua fertilização da mortalidade e da imortalidade. Por isso Eros é descrito como um ser a meio caminho entre os deuses e os homens e participando da natureza divina e humana.” A condenação do amor físico, marcada pelo desejo de imortalidade, torna o homem vítima de Eros. Fazendo de sua busca um caminho de solidão, o romântico transita entre o paraíso e o inferno, transformando o amor em algo inatingível, em uma contradição dolorosa entre consciência da mortalidade e o desejo de imortalidade, entre os prazeres humanos da carne e o ideal divino de transcendência, por isso acorda pregado à cruz.

Mesmo em sonho, o amante se castra, não se permitindo realizar os desejos da carne. Colocada em um pedestal, a musa inspiradora deve apenas ser idolatrada, ela é a senhora, a deusa, a rainha, nunca a parceira. Humanizá-la seria degradá-la, transformá-la em nada. Perderia a aura divina e se tornaria uma simples mortal, indigna de qualquer sentimento amoroso. O amor enaltece aquele que ama, a vida passa a ser vivida em êxtase, pois no amor romântico somos levados a pensar que o amor é tudo, buscamos no ser amado a sensação de plenitude e a razão para a nossa existência:

No meu leito – adormecida,
Palpitante e abatida,
A amante de meu amor!
Os cabelos recendendo
Nas minhas faces correndo
Como o luar numa flor!

[...]

Não era um sonho mentido;
Meu coração iludido
O senti e não sonhou:
E senti que se perdia
Numa dor que não sabia...
Nem ao menos a beijou!
(LVA, p.134/135)

Em *O Poeta* o amor se realiza no sonho erótico, pois a aproximação física entre o homem e a mulher sempre foi regulada por normas rígidas, assumindo um caráter ritual. “A transgressão, o castigo e a redenção são elementos constitutivos da concepção ocidental do amor” (PAZ, 1994, p. 32). No século XIX, na sociedade brasileira, os sexos estavam separados por grandes barreiras físicas e os contatos eram regulados por normas mais rígidas que as atuais. E, exatamente por isso, o amor assume um enorme valor erótico e um desejo ainda maior de transgressão, assim como um maior significado poético, pelo menos na literatura.

Em algumas obras do Romantismo brasileiro, a mulher era levada ao sexo, sendo profanada pelo homem e, a partir de então, transformava-se em um anjo decaído, em uma companheira de Lúcifer, condenada a vagar pelo submundo da prostituição, rejeitada pela família e pela sociedade. Em alguns casos, a prostituta podia se redimir pelo amor e pela mudança de vida, como Lucíola, a personagem do romance homônimo de José de Alencar. Ao

se apaixonar, Lucíola entrega-se ao amor espiritual, desistindo de viver na promiscuidade. Na certeza da impossibilidade de conciliação entre ideais antagônicos, encontra na morte a única saída para realizar o seu sonho amoroso. Com a morte, a carne se desfaz, só restando o espírito que, livre dela, pode alcançar a felicidade. Alencar faz de Lucíola a representação das duas imagens femininas da época: a virgem pura e a cortesã. A cortesã precisa morrer para que a virgem sobreviva. Impossibilitada de purificar a carne, resgata a alma nessa relação entre amor e morte.

O erotismo se abre para um mundo de sensações onde prazer e dor, ansiedade e agressividade, alegria e tristeza, desejo e pecado, repressão e permissão, sublimação e perversão, ele é “invenção equívoca, como todas as que idealizamos: o erotismo propicia a vida e a morte” (PAZ, 1994, p.18). Para Paz, o erotismo se resume em duas palavras *prazer e morte*, uma fascinação diante da vida e da morte.

Amor e morte não são temas exclusivos de Azevedo, mas parte do ideário romântico que ele leva ao extremo. Vivendo mais de sonho que de realidade, faz da poesia a expressão da desilusão da vida. Sem a preocupação com o equilíbrio formal e temático, sua produção literária legitimou o sofrimento. Amando a própria dor, vivendo pela tristeza e melancolia de seu pensamento, fez de sua poesia o diário de sua vida carregada de melancolia e angústia existencial, apesar de tão jovem. O poema *Desânimo* é um exemplo dessa angústia:

Estou agora triste. Há nesta vida
Paginas torvas que se não apagam,
Nódoas que não se lavam... se esquecê-las
De todo não é dado a quem padece,
Ao menos resta ao sonhador consolo
No imaginar dos sonhos de mancebo!
(LVA, p.262/263)

O poeta é a representação de seu tempo. Adepto do mal-do-século, cheio de tristeza, vivendo de devaneios, sem disfarce nem sarcasmo, torna-se vítima do desespero existencial do Romantismo. Viver é uma aventura perigosa. A consciência da morte é uma experiência intensa, solitária e assustadora. A morte é a única certeza do homem, é o que somos – um ser que vai morrer. Por isso, o fascínio de Azevedo pela morte resulta na certeza de que a morte aliviará a angústia de viver. Na maioria de seus poemas o poeta apresenta a morte como única possibilidade da concretização do amor. A esperança da morte se transforma na única razão para suportar a dor da existência, pois a verdadeira vida será vivida após a morte, daí a evasão para o amor e para a morte, como única forma de burlar a dor da vida, por isso em *Lembrança de Morrer* ele reafirma todo o seu tédio e angústia - a sua *dor vivente*:

Eu deixo a vida como deixo o tédio
Do deserto, o poente caminheiro,
Como as horas de um longo pesadelo
Que se desfaz ao dobre de um sineiro;
(LVA, p.188)

Em *Glória Moribunda* (p.293/303), Azevedo faz a seguinte colocação sobre a vida: *A vida é um escárnio sem sentido,/ Comédia infame que ensangüenta o lodo*. E ainda: *Sou um louco. Maldita a folha negra/ Em que Deus escreveu a minha sina...*, e mais: *Maldita minha mãe, que entre os joelhos/ Não soubeste apertar, quando eu nascia,/O meu corpo infantil! Maldita!...* Não só Azevedo, como outros românticos, atribuem as misérias do mundo a um Deus cruel e impiedoso, que, ao nos fazer a sua imagem, derramou sobre nós toda a sua imperfeição:

- Fatalidade!

É pois a voz unânime dos mundos,
Das longas gerações que se agonizam,
Que sobe aos pés do Eterno como incenso?
Serás tu como os bonzos te fugiram?
Sublime Criador, por que enjeitaste
A pobre criação por que a fizeste
Da argila mais impura e negro lodo,
E a lançaste nas trevas errabunda
Co' a palidez na fronte como anátema,
Qual lança a borboleta as asas d'oiro
No pântano e no sangue?
(LVA, p.298)

O poeta questiona a sua importância nessa vida. Percebe-se uma hostilidade e uma ironia mordaz contra o Criador. O mundo, para ele, resume-se em desencanto. O vazio, a solidão e a morte passam a ser objetos do desejo desse ser que desafia Deus. Esse sentimento de falta de sentido da vida é, em geral, acompanhado por um desejo de morte. Essa mistura romântica de amor e morte sempre interligados dominou a poesia de Álvares de Azevedo. A vida romântica foi uma viagem íntima do amor, passando pelo erotismo, até a morte. Foi também um aspecto mobilizador da poesia de Azevedo o esforço para vencer o desencanto da vida.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Eloísa Nogueira. *A adolescência ou o canto erguido dos abismos: vida e obra de Álvares de Azevedo*. Departamento de Psicologia. Rio de Janeiro: PUC, 1998, 190p, (Dissertação de Mestrado em Psicologia clínica).

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

BATAILLE, Georges. *O erotismo: o proibido e a transgressão*. Lisboa: Moraes Editores, 1980.

_____. *O erotismo*. Trad. Antônio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Petrópolis: Vozes, 1994, v.1.

BRUNEL, Pierre. *Dicionário de mitos literários*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.

CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: *Os melhores poemas de Álvares de Azevedo*. São Paulo: Global, 1985.

DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. Trad. Antônio Carlos Piquet & Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna*. Problemas atuais e suas fontes. Trad. Marise M. Curioni & Dora F. da Silva. São Paulo: Duas Cidades, 1991.

JOHNSON, Robert. A. *We. A chave da psicologia do amor romântico*. Trad. Maria Helena de Oliveira Tricca. São Paulo: Mercury, 1987.

LÖWY, Michael & SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia. O romantismo na contramão da modernidade*. Trad. Guilherme J. de F. Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995.

MAY, Rollo. *Amor e vontade: Eros e repressão*. Trad. Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Vozes, 1973.

PAZ, Octávio. *A dupla chama. Amor e erotismo*. Trad. Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

_____. *Os filhos do barro. Do romantismo à vanguarda*. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.